

PESQUISA E PRODUÇÃO ESCRITA

RESEARCH AND WRITTEN PRODUCTION

Elisabeth Juchem Machado LEAL*

RESUMO

O artigo, partindo de considerações sobre a necessidade de fortalecer a produção científica na área do turismo e sobre as estreitas relações existentes entre os atos de escrever e de pesquisar, enfatiza o valor do planejamento do texto, tarefa prévia a sua elaboração; detalha as partes que devem constituir-lo, examinando alguns critérios para sua organização; por fim, aborda questões relativas à redação da comunicação científica.

Palavras-chave: Produção Escrita, Texto Acadêmico-Científico, Redação Técnica.

ABSTRACT

Based on considerations concerning the need to strengthen scientific production in the area of tourism, and on the close relationship between the acts of writing and researching, this article emphasizes the value of text planning, a task which precedes writing the text. It details the parts that should constitute the text, and examines some criteria for its organization. Finally, it addresses some issues relating to writing for scientific communication.

Key words: Written Production, Scientific Academic Text, Technical Writing.

“Conduzir por ordem os meus pensamentos, começando pelos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir, pouco a pouco, como por degraus” (Descartes).

A partir de sua implantação, na década de 70, os cursos de Turismo vêm construindo seu espaço no meio acadêmico brasileiro; inicialmente alvo dos preconceitos e das dúvidas que cercam as novas profissões, passam, após 1995, pelo que Trigo chama de “uma verdadeira explosão”, de tal modo que, em 1999, são em número de 140 as escolas superiores de Turismo existentes no país (2000, p. 245-6).

Tal expansão, no entanto, se deu em meio a dificuldades e limitações. Uma dessas limitações refere-se à “carência de pesquisas científicas” e ao “reduzido número de pesquisadores”, fatos esses “aliados a uma falta de estímulos ao desenvolvimento do conhecimento teórico do fato e do fenômeno do turismo neste País”, à qual se adiciona “uma inaceitável indiferença [...] aos trabalhos de pesquisa” (ECA apud Rejowski, 1996, p. 61).

Apesar de reconhecer os esforços desenvolvidos no sentido da afirmação e da valorização do turismo como área de estudos científicos, bem como de

“Following the order of my thoughts, beginning with the simplest and easiest to know and increasing little by little, as if by steps” (Descartes).

Since their introduction in the 1970s, Tourism courses have been making their mark on the Brazilian Academic Scene. Initially the target of prejudice and doubts that surrounded the new professions, they underwent, after 1995, what Trigo called “a real explosion”. This growth was so rapid that by 1999 there were some 140 Higher Education schools of Tourism around the country (2000, p. 245-6).

Yet this expansion occurred amidst difficulties and limitations. One of these limitations was the “lack of scientific research” and the “small number of researchers”, “combined with the lack of incentives for the development of theoretical knowledge of the fact and phenomenon of tourism in this country”. To these could be added “an unacceptable indifference [...] towards research work” (ECA apud Rejowski, 1996, p. 61).

Despite acknowledging the efforts that have been made to affirm and valorize tourism as a field of scientific study, and its researchers,

* Mestre em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Catarina.
Professora de Metodologia da Pesquisa do CES II, Balneário Camboriú - Univali.
* Master in Social Sciences, Federal University of Santa Catarina.
Professor in Research Methodology at CES II, Balneário Camboriú - Univali.

seus pesquisadores, o que pode ser verificado através, não apenas do número crescente de cursos superiores, como já apontado, mas, e principalmente, através do crescimento – ainda que irregular – de sua produção científica, Rejowski (1996, p. 112) conclui seu estudo sobre a pesquisa em turismo no Brasil, constatando que esta se ressentia tanto de escasso rigor científico, espírito crítico e domínio metodológico, como da inexistência de “grupos de pesquisa que sedimentem os primeiros conhecimentos, provocando reflexão crítica” sobre os mesmos. Entre as recomendações que faz para que o turismo se consolide como área de estudos científicos, aponta a necessidade, entre outras estratégias, de estímulo ao “intercâmbio de conhecimento entre pesquisadores, através da realização de fóruns de debates, eventos, **publicações**” (p. 114, grifo nosso).

Ora, a formação pós-graduada nos cursos de Mestrado tem por objetivo, entre outros, a formação de pesquisadores e assim é também no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria do Centro de Educação Superior de Balneário Camboriú da Univali. A formação de pesquisadores, entretanto, implica, além de um sem número de outras aprendizagens e práticas, na aprendizagem e na prática da escrita. Marques (1997, p. 91) inspira-se em Niels Bohr, um dos expoentes da física atômica, para enfatizar que

“não se faz ciência sem escrever: essa [é] a forma de se comunicar com a comunidade científica. A comunicação oral, em congressos etc., tem duração momentânea e de curto alcance, além de que sempre se faz com o apoio de texto escrito, sem o qual não seria possível discipliná-la e conferi-la”.

É principalmente quando os mestrandos se deparam com a inescapável obrigação de escrever uma dissertação que eclodem dificuldades sob formas as mais diversas, denunciadoras, com frequência, de dificuldades no campo das habilidades redacionais e dos conhecimentos acumulados. Mirian Warde, apoiada em sua experiência na orientação de mais de 50 teses e dissertações, diagnostica:

“As dificuldades redacionais dos orientandos decorrem, na grande maioria dos casos, da inexperiência com as lides gramaticais e estilísticas; afinal, a escola básica e mesmo os cursos de graduação exercitam pouco a expressão escrita. O mesmo se diga das dificuldades demonstradas por uma parte considerável dos pós-graduandos, em especial os mestrandos, de elaborar um plano básico de pesquisa” (Warde, 1997, p. 170).

O artigo que a seguir se apresenta foi originalmente elaborado para o Curso de Redação de Textos

which can be seen not only in the increasing number of higher educational courses, as pointed out above, but principally through the growth, albeit still irregular, of its scientific production. Rejowski (1996, p. 112) concluded his study on tourism research in Brazil by noting that it is suffering not only from the lack of scientific rigor, critical spirit and methodological mastery, but also from the non-existence of “research groups to plant the first seeds of knowledge and to stimulate critical thinking” about these seeds. Among his recommendations for consolidating tourism as an area of scientific study, he points out, among other strategies, the need to promote an “exchange of knowledge among researchers, through debate forums, events, **publications**” (p. 114, bold mine).

Nowadays, one of the objectives of post-graduate training on Masters courses is to train researchers, and this is also true of the Post-Graduate Program in Tourism and Hotel Management at Univali’s Balneário Camboriú Higher Education Center. Researcher training involves, in addition to numerous other types of learning and practices, the learning and practice of writing. Inspired by Niels Bohr, an exponent of atomic physics, Marques (1997, p. 91) emphasizes that

“there is no science without writing; it [is] the principal form of communication within the scientific community. Oral communication at conferences, etc., is of limited duration and short range, and is always supported by written text, without which it would be impossible to control and corroborate it”.

It is principally when master’s degree students are faced with the inescapable need to write a dissertation that all kinds of difficulties emerge, which often reveal the problems in the areas of writing skills and accumulated knowledge. Mirian Warde, backed by her experience of providing guidance for more than 50 theses and dissertations, makes the following diagnosis:

“The student’s writing difficulties occur, in the vast majority of cases, because of a lack of experience in grappling with grammar and style; after all, basic schooling and even graduate courses do little to practice written expression. The same can be said of the difficulties experienced by a considerable proportion of post-graduate students, particularly Master’s degree students, when drawing up a basic research plan” (Warde, 1997, p. 170).

This article was originally written for the Course in Writing Academic and Scientific Texts!

Acadêmicos e Científicos' ministrado, em março de 2001, a uma turma do Programa de Pós-Graduação: Mestrado em Turismo e Hotelaria do Centro de Educação Superior de Balneário Camboriú da Universidade do Vale do Itajaí, quando se buscou trabalhar com os mestrandos questões relativas à produção de textos, com vistas a uma comunicação escrita objetiva, clara, precisa e coerente.

Inicialmente, destaca-se, no artigo, a importância da organização de um plano do texto, tarefa que deve anteceder sua elaboração propriamente dita; em seguida, considerando a estrutura de um texto acadêmico-científico, discutem-se as características de cada uma de suas partes e, por fim, abordam-se alguns aspectos referentes a sua redação.

Acredita-se, dessa forma, oferecer uma contribuição à formação dos mestrandos como pesquisadores, pois se tem a convicção de que aprender a pesquisar e exercitar-se no escrever são processos intercorrentes e intercomplementares.

O PLANEJAMENTO DO TEXTO

A pesquisa é uma atividade que se caracteriza essencialmente pelo trabalho metódico, rigoroso, sistemático, ordenado. Tais atributos, presentes em todas as etapas do trabalho científico, são exigidos notadamente na sua comunicação. Todo aquele que faz pesquisa necessita, obrigatoriamente, exercitar-se na arte de bem exprimir seu pensamento, condição *sine qua non* para cumprir, com êxito, não apenas a etapa inicial do trabalho – quando apresenta, sob a forma de um projeto, sua proposta de pesquisa – mas, principalmente, a última etapa desse processo, quando elabora o relatório, ou seja, quando faz a comunicação da pesquisa, dos seus resultados.

Em toda comunicação, e particularmente na comunicação científica, a clareza é qualidade indispensável. Para que se consiga elaborar uma comunicação que tenha a qualidade da clareza, é essencial que esse trabalho seja iniciado pela adequada ordenação das idéias, pois é esta que confere clareza à comunicação. Saber ordenar as idéias, então, é condição para bem exprimir o pensamento na comunicação científica, como já ensinava o filósofo espanhol, Miguel de Unamuno: "Escreve claro quem concebe ou imagina claro".

Refletir, prever como se organizará essa exposição é o primeiro passo no processo de ordenação das idéias. Dessa reflexão deverá resultar um plano ou esquema, uma espécie de mapa geral, itinerário ou roteiro da comunicação.

A elaboração do plano é útil por duas razões: inicialmente, como organizador da comunicação,

held in March 2001 with group of students on the Post Graduate Master's Degree Program in Tourism and Hotel Management at the Balneário Camboriú Higher Education Center of the University of Vale do Itajaí. The course focused on issues related to text production, with the aim of helping students to produce objective, clear, precise and coherent written communication.

Firstly, the article highlights the importance of making a plan of the text layout, a task which should come before writing the text itself. Next, it discusses the characteristics of each section, taking into consideration the structure of academic-scientific texts, and finally, it addresses some aspects related to the actual writing.

It is hoped that this will contribute to the training of Master's degree students as researchers, since the author is convinced that learning to research and the practice of writing are processes which are related to and complement one another.

PLANNING THE TEXT

Research is an activity that can essentially be characterized as methodological, rigorous, systemic and ordered. These attributes, which are present at all stages of scientific work, are particularly important in its communication. It is essential for anyone carrying out research to practice the art of expressing his or her thoughts clearly, a *sine qua non* (without exception), in order to successfully complete not only the first stage of the work, when he presents his or her research proposal in the form of a project, but more importantly, the final stage of this process, when he writes up the report, i.e., when he communicates the results of the research.

Clarity is an essential quality of all communication, but especially scientific communication. In order to create a communication which has this quality, the work must begin with an appropriate structuring of ideas, since it is this that will ensure the clarity of the communication. Knowing how to order one's ideas, then, is a condition for expressing one's thoughts well in scientific communication. As the Spanish philosopher, Miguel de Unamuno taught: "he who conceives ideas or thinks clearly, also writes clearly".

Thinking about how the exposition will be organized is the first step in the process of organizing one's ideas. The plan or scheme should result from this process, a kind of overall communication map, itinerary or route.

The creation of a plan is useful for two reasons: initially, it organizes the communication and enables

possibilita a sua sistematização, diminuindo, portanto, os riscos de o autor da comunicação perder-se no meio do caminho, deixando de aprofundar aspectos essenciais, o que pode resultar num trabalho superficial, mediocre. A segunda razão é representada pelo valor pedagógico do exercício de reflexão que a elaboração do plano requer, pois é através dele que se pode disciplinar a mente, habituá-la à disposição lógica das idéias, ao “exercício contínuo de arrumar o pensamento”, na expressão de Boaventura. Segundo esse autor, elaborar “o plano é ter a exposição mentalmente pronta, sem a haver sequer, materialmente, iniciado. Feito o plano, está pronta a estrutura, falta o recheio” (1988, p. 9).

É claro que, em geral, não se delimita o plano definitivo numa primeira tentativa: o mais adequado é estabelecer, inicialmente, um plano provisório. O plano definitivo surge à medida que o trabalho se desenvolve. O esquema inicial, ponto de partida do processo de elaboração do texto, vai-se transformando à luz da reflexão sobre as idéias (centrais e secundárias) que deverão ser expostas, até chegar ao plano definitivo.

Em se tratando da elaboração de relatórios de pesquisa, é pertinente a sugestão de Goldenberg (1997, p. 95): “No caso de o projeto ter sido bem construído, o relatório fluirá com facilidade, pois já existe um roteiro claro e objetivo do que deve ser abordado”. Note-se, porém, que a autora não dispensa a existência de um plano prévio – *um roteiro claro e objetivo* –, representado por um projeto bem construído.

No entanto, é preciso ter claro que o plano da pesquisa é diverso do plano de exposição dos seus resultados, pois obedecem a lógicas diferentes. Beaud (1997) compara a produção de uma tese² ao trabalho de um autor de romance policial, que na fase preparatória – correspondente, na tese, à fase de investigação – situa a trama, cria a intriga, imagina o personagem, concebe as pistas, os elementos de suspense. No entanto, a publicação sob essa forma dos elementos do enredo não resulta num romance policial. Assim, aconselha ao acadêmico às voltas com a redação de sua monografia (1997, p. 87):

“Do mesmo modo, você terá de conceber um procedimento de redação que lhe permita captar o interesse de seu leitor (assunto, questão principal), proporcionar-lhe um guia, um eixo de interpretação (idéia restritiva) que o texto da tese permitirá, por etapas, fazer sobressair, colocar em relevo, pôr à mostra e, finalmente, demonstrar de maneira tão convincente quanto possível (idéias motrizes das diferentes partes e dos diferentes capítulos)”.

it to be systemized, thereby minimizing the risks to the author of the communication getting lost along the way, or neglecting to go into essential aspects in depth, which could result in a superficial, mediocre work. The second reason is the teaching value of the exercise of thought that such a plan requires, since it is through this that the mind can be disciplined and trained to arrange ideas logically, and to the “continuous practice of putting one’s thoughts in order” as expressed by Boaventura. According to this author, creating “a plan means having the exposition prepared in the mind, without having actually started writing it. Once the plan is complete, the structure is ready to be filled in” (1988 p. 9).

Obviously, the plan is not definitively mapped out at the first attempt; initially, it is more appropriate to establish a provisional plan. The definitive plan arises as the work is developed. The initial scheme, which provides the starting point for the process of drawing up the text, changes in the light of reflection on the ideas (both central and secondary) that need to be expressed, until the definitive plan is achieved.

When elaborating research reports, Goldenberg’s suggestion (1997, p. 95) is pertinent: “If a project is well-constructed the report will flow easily, since it already has a clear and objective outline of the topics that need to be addressed”. Note, however, that the author does not dispense with the existence of a preliminary plan – *a clear and objective outline* – represented by a *well-constructed project*.

However, it should be made clear that a research plan is different from an expository plan of the results, since they obey different logic. Beaud (1977) compares the production of a thesis² to the work of a writer of detective novels who, during the preparatory phase – which corresponds, in the thesis, to the phase of investigation – conceptualizes the plot, creates the intrigue, portrays the personalities and thinks up clues and elements of suspense. The publication of the elements of intrigue in this form does not, however, result in a detective novel. The student is therefore given the following advice in relation to writing his or her monograph (1997, p.87):

“In the same way, you should conceive of a writing procedure that will enable the thesis to capture the interest of the reader (subject, main question), providing him or her with a guide, an basis for interpretation (restrictive idea) which the text of the thesis will, by stages, make clear, enabling it to stand out clearly and finally, to demonstrate as convincingly as possible (the main ideas of the different sections and different chapters)”.

Assim é que o plano de uma comunicação – seja ela um artigo científico, um *paper* de conclusão de uma disciplina, uma dissertação, tese, ou mesmo uma resenha crítica – deverá indicar, necessariamente:

- o anúncio do assunto, ou seja, a introdução;
- as partes principais do tema e respectivas subdivisões;
- o que será “marcado” ou enfatizado ao se concluir a comunicação.

A INTRODUÇÃO OU O “ANÚNCIO DO TEMA”³

A abertura de uma comunicação, seja escrita ou oral, deve ser elaborada com todos os cuidados, pois é ela que encerra, implicitamente, toda a exposição, que dá uma idéia de todo o conteúdo e, portanto, deve atrair imediatamente a atenção do leitor ou do ouvinte para o relato que se seguirá. “A introdução é o espaço onde se anuncia, se coloca, se promete, se desperta [...] Introduzir é convidar” (Boaventura, 1988, p. 11).

A **função** da introdução consiste em indicar em linhas gerais o pensamento que orientou o autor, bem como seus propósitos, ou seja, apresentar o problema ou tema central do estudo ou da pesquisa; em outras palavras, elucidar o assunto proposto para a comunicação. Feita essa apresentação inicial do problema ou do tema, é conveniente ainda situá-lo adequadamente em seu contexto, destacar sua importância, seja de ordem teórica ou prática; esclarecer a perspectiva sob a qual será abordado, indicar as expectativas em relação a ele – isto é, os objetivos da pesquisa ou do estudo – sem esquecer de mencionar os seus limites (desejados ou não), quanto à extensão e à profundidade.

Em síntese, são as seguintes as informações que podem ser apresentadas, sucintamente, na introdução de um relatório, segundo Flôres, Olímpio e Cancelier (1992, p. 165):

- importância e natureza do trabalho;
- sua finalidade;
- relação do estudo com outros similares;
- suas limitações;
- uma breve resenha histórica, quando indispensável;
- declaração das fontes, do material, dos métodos seguidos na coleta e interpretação dos dados, dos problemas surgidos.

Thus, the plan of a communication – be it a scientific article, a concluding paper of a discipline, dissertation, thesis or even a critical report – should indicate:

- an announcement of the subject, i.e., the introduction;
- the main parts of the theme and the respective subdivisions;
- the topics that will be “highlighted” or emphasized at the conclusion of the communication.

INTRODUCTION OR “ANNOUNCEMENT OF THE THEME”³

The opening of a communication, whether written or oral, should be designed with great care, since it implicitly encompasses the whole exposition, and gives an idea of the whole content. It should, therefore, immediately attract the attention of the reader or listener of the report that follows. “The introduction is where topics are announced, placed, promised, awakened [...] To introduce is to invite” (Boaventura, 1988, p. 11).

The **purpose** of the introduction consists of indicating in general terms the thought that guided the author, as well as his or her proposals, or presenting the problem or central theme of the study or research; in other words, clarifying the proposed subject of communication. Having made this initial presentation of the problem or theme, it is expedient to place it within its context, highlight its importance, whether theoretical or practical; clarify the perspective from which the theme will be addressed and indicate the expectations of it – that is, the research or study objectives – without forgetting to mention its limits (desired or not), in terms of breadth and depth of scope.

In short, the following information may be presented, succinctly, in the introduction to a report, according to Flôres, Olímpio and Cancelier (1992, p. 165):

- the importance and nature of the work;
- its final objective;
- the relationship between the study and other similar studies;
- its limitations;
- a brief historical review, where necessary;
- a declaration of sources of material, methods used for collection and interpretation of data and problems encountered.

Goldenberg (1997, p. 95) esclarece bem o conteúdo de uma introdução, igualmente no caso de um relatório de pesquisa:

"Meus relatórios de pesquisa começam com uma introdução onde retomo o objetivo geral do estudo e os objetivos específicos a ele relacionados. Familiarizo o leitor com as minhas idéias iniciais, antes de fazer a pesquisa propriamente dita: o que esperava encontrar, quais as hipóteses de trabalho que me nortearam, qual o grupo que escolhi e as razões para esta escolha, quais os conceitos principais e os autores nos quais me apoiei. É um panorama da pesquisa.

"Além disso, retomo também a justificativa, a importância desta pesquisa para o campo científico no qual estou inserida e para a sociedade de forma mais ampla".

É desnecessário dizer que a extensão e o nível de detalhamento da introdução dependerá do tipo de comunicação: será mais extensa e detalhada quando se tratar de um relatório de pesquisa, ou mais sucinta e breve no caso de um artigo ou *paper*, embora num e noutro caso imponha-se a observância dos seguintes requisitos:

- dar, de imediato, a idéia do assunto, definir a questão, uma vez que o leitor ou o ouvinte quer saber do que se trata;
- definir o objeto da exposição, expressando de maneira exata a idéia geral para que possa ser entendida;
- delimitar o assunto (uma decorrência da sua definição), circunscrevendo o âmbito da exposição, o que pode exigir situar o assunto na história, na paisagem geográfica ou na discussão teórica;
- motivar para o tema (notadamente nas comunicações orais), destacando sua importância ou seu interesse prático;
- indicar as idéias centrais, fornecendo o fio condutor da exposição e, por fim,
- anunciar o plano da exposição.

Severino (2000, p. 83) recomenda: "Deve [a introdução] ser sintética e versar única e exclusivamente sobre a temática intrínseca do trabalho. *Note-se que é a última parte do trabalho a ser escrita*".

O DESENVOLVIMENTO DO TEMA

O desenvolvimento do tema tem por propósito torná-lo compreensível para o público ao qual o

Goldenberg (1997, p. 95) gives a good description of the content of an introduction, including that of the research report:

"My research reports begin with an introduction where I deal with the general objective of the study and the specific objectives related to it. I familiarize the reader with my initial ideas, before doing the research itself: what I hoped to discover, what hypotheses guided me, what group I chose and the reasons for this choice, what are the principal concepts and the authors on which I based the work. It is an overall panorama of the research.

"Besides this, I also give the justification, the importance of this research for the scientific field in which I work and for society in general".

It goes without saying that the length and level of detail of the introduction will depend on the type of communication: it will be longer and more detailed when for research report, or more succinct and briefer in the case of an article or paper, although in some case or other, it is necessary to observe the following requisites:

- give the idea of the subject, define the issue, as the reader or listener wants to know the subject that is being dealt with;
- define the object of the exposition, expressing, in a concise way, the general idea by which it can be understood;
- outline the subject (arising from its definition), delimiting the scope of the exposition. This may mean placing the topic in a historical, geographical setting or in the theoretical discussion;
- stimulate readers or listeners concerning the theme (particularly in oral communication), highlighting its importance or practical interest;
- indicate the central ideas, providing the basis of the exposition and, finally,
- announce the plan of the exposition.

Severino (2000, p. 83) recommends the following: "[the introduction] should be synthetic and should be concerned, solely and exclusively, with the intrinsic theme of the work. *Note that this is the last part of the work to be written*".

THE DEVELOPMENT OF THE THEME

The proposal of the development of the theme is to make comprehensible to the public for which

texto escrito ou a exposição oral presumivelmente se destina. Tal propósito requer a decomposição dos elementos do tema, considerando-se que há uma íntima relação entre compreensão e decomposição: ou seja, para que algo seja compreendido, é preciso que seja explicado e só se explica algo, decompondo-o.

A reflexão sobre como dividir o tema – que já deve se dar no momento da elaboração do plano da comunicação – é indispensável à elaboração do seu desenvolvimento. Boaventura (1988, p. 28-37) aponta alguns critérios que podem orientar a reflexão sobre a divisão do tema:

- Não dividir é considerar tudo dentro da mesma hierarquia – questões principais iguais a questões secundárias; portanto, a divisão do tema é aconselhável, ou mesmo necessária.
- A divisão e as subdivisões visam à clareza e à compreensão. O excesso de subdivisões muitas vezes impede o leitor de seguir o desenvolvimento do tema.
- Todas as divisões e subdivisões devem ser tituladas “com formas curtas e bem cunhadas”.
- Deve ser evitada a divisão fácil – vantagens e desvantagens, por exemplo – pois expõe o texto a duplicações, além de não refletir o necessário esforço no sentido do aprimoramento da comunicação.
- A divisão do tema segundo o modelo comparativo deve ser regida pelas idéias gerais que governam a comparação, ou pelos pontos principais sobre os quais a aproximação dos objetos da comparação possa ser construída.
- Na divisão do tema em causas e conseqüências, nem sempre convém expor as causas na primeira parte e as conseqüências na segunda – esse modelo pode empobrecer a comunicação; a divisão do tema por categorias (relativas às causas e às conseqüências) pode ser mais enriquecedora.
- Quando se trata de uma tese única a defender, os argumentos geralmente são expostos na primeira parte e, na segunda, discutidos e refutados os argumentos contrários; outra possibilidade é repartir os argumentos nos pontos centrais da discussão, os quais serão os elementos articuladores do texto.
- No caso de tema histórico, é recomendado “o esforço para encontrar idéias predominantes na evolução” (do objeto de estudo: fato, instituição, comunidade, organização, etc.) e em

the written text or oral exposition is intended. This proposal should break down the elements of the theme, taking into account the fact that the understanding and break-down of a text are intricately linked: i.e. in order for something to be understood, it is necessary for it to be explained, and this can only be done by breaking it down.

Careful consideration of the way in which the theme should be sub-divided is essential when drawing up the communication plan, and should take place at this stage of the work. Boaventura (1988, p. 28-37) points out some criteria that can guide the writer in this process of sub-dividing the theme:

- Not to sub-divide is to view everything as being at the same hierarchy – principal issues are equal to secondary ones. It is therefore advisable, even essential, to sub-divide the theme.
- The aim of the divisions and subdivisions is to enable clear understanding, although an excess of subdivisions may hinder the reader from following the development of the theme.
- All the divisions and subdivisions should be given “short and well highlighted” headings.
- Simple division should be avoided – e.g. advantages and disadvantages – since this increases the risk of duplication, besides not reflecting the necessary effort in terms of improving the communication.
- The division of the theme according to the comparative model should be ruled by the general ideas that govern comparison, or by the main points around which an approach towards objects being compared should be constructed.
- When dividing the theme into causes and consequences, it is not always convenient to reveal the causes in the first section and the consequences in the second, as this format can weaken the communication; the subdivision of the theme by categories (related to the causes and consequences) can be more enriching.
- When there is a single thesis to defend, the arguments are generally expounded in the first section, and contrary arguments discussed and refuted in the second; another possibility is to divide up the arguments among the central points of the discussion, which will become the linking elements of the text.
- In the case of a historical theme, the student is urged to make “an effort to discover the predominant ideas in the evolution” (of the object of the study: fact, institution, community,

torno delas organizar o texto. Na primeira parte pode ser traçada a evolução (do objeto de estudo) e seu apogeu e, na segunda, as contribuições ou desdobramentos dessa evolução – ou seja, num tema histórico, o “plano misto” – histórico e lógico ao mesmo tempo – talvez seja o mais adequado.

De qualquer modo, é importante sublinhar, como o faz Severino (2000, p. 83), que as

“subdivisões dos tópicos do plano lógico, os itens, seções, capítulos, etc. surgem da exigência da logicidade e da necessidade de clareza e não de um critério puramente espacial. Não basta enumerar simetricamente os vários itens: *é preciso que haja subtítulos portadores de sentido*”.

Assim sendo, em trabalhos acadêmicos, os títulos de capítulos ou de tópicos devem indicar exatamente seu conteúdo, o que não significa que se deva lançar mão de títulos estereotipados como: “introdução”, “problemática”, “desenvolvimento”, “conclusão”, etc. Podem-se criar títulos e subtítulos evocativos, definidos em função dos aspectos mais relevantes do seu conteúdo, com o propósito de orientar e motivar o leitor para o que se deseja comunicar.

No entanto, é preciso considerar que não é suficiente dividir o tema em tópicos e intitular suas diversas partes para que se tenha uma comunicação competente: é preciso, além disso, articular os tópicos entre si, e não apenas os tópicos, também os parágrafos. Isso porque as partes de uma comunicação, como ensina Boaventura (1988), “não são como os compartimentos estanques de um navio. Elas são elementos do todo”. Em outras palavras, são as ligações articuladoras das idéias os elementos que conferem ao conjunto a indispensável unidade e homogeneidade.

A qualidade da coesão textual – evidenciada pela união de suas partes, isto é, pela sua conexão interna – é obtida mediante o

“emprego adequado das categorias gramaticais cuja função é estabelecer conexão – as conjunções coordenativas e subordinativas, e as preposições –, por períodos e até por parágrafos inteiros; por palavras que fazem referência a idéias ou elementos já constantes do texto, dentre elas os pronomes pessoais retos e oblíquos, os pronomes possessivos, demonstrativos e relativos, e por predicados prontos, como ‘fazendo isto’” (Flores, Olímpio e Cancelier, 1992, p. 36).

Os elementos de coesão textual, como exemplificam as autoras citadas (p.36-7), são utilizados para

organization, etc.) and organize the text around these. In the first section, the evolution (of the object) and its apogee, can be traced, and in the second, the contributions or results of this evolution i.e. in an historical theme, the “mixed plan” – historical and logical at the same time – may be the most suitable.

In whichever case, it is important to underline, as did Severino (2000, p. 83) that the

“subdivisions of the topics of the logical plan, the items, sections, chapters, etc. arise from the demand for logicity and the need for clarity and not from a purely spatial criteria. It is not enough simply to symmetrically innumerate the various items: *it is necessary to include meaningful subtitles*”.

Thus, the titles of chapters or topics in academic works should indicate clearly the contents. This does not mean they cannot make use of stereotyped titles like: “introduction”, “the problem”, “development”, “conclusion”, etc. More evocative titles and subtitles can be created, which arise from the most relevant aspects of their content, with the aim of orientating and inspiring the reader to what the author wishes to communicate.

However, it should be taken into consideration that for competent communication, it is not sufficient simply to divide the theme into topics and give titles to its various sections, it is also necessary to create links between both the topics and the paragraphs. This is because the sections of a communication, as Boaventura (1988) expounded, “are not like the watertight compartments of a ship. They are elements of a whole”. In other words, they are the links between ideas and elements that give the whole its essential unity and homogeneity.

The quality of textual cohesion – shown by the union of its parts, i.e. by its internal harmony – is obtained through

“the suitable use of grammatical categories, the purpose of which is to establish links – coordinating and subordinate conjunctions and prepositions – by full stops and even entire paragraphs; by words that refer to ideas or elements already included in the text, such as possessive, demonstrative and relative pronouns, and by predicates such as those in the sentence like ‘by doing so’ [by so doing]” (Flores, Olímpio and Cancelier, 1992, p. 36).

The elements of textual cohesion, as the authors quoted exemplify (p.36-37), are used to

estabelecer diferentes tipos de relações na articulação das idéias (ainda que, por vezes, frases inteiras ou até mesmo parágrafos possam desempenhar esse papel):

- **opor, contrastar idéias:** mas, porém, no entanto; embora, ainda que, apesar de que; a despeito de, não obstante, salvo, exceto;
- **relacionar causa e consequência:** porque, pois, como, logo, portanto, assim; por conseguinte, daí, como resultado; por causa de, em consequência de, por motivo de, devido a;
- **indicar finalidade, propósito, intenção:** porque; para, a fim de, com o propósito de, com o objetivo de;
- **resumir, recapitular, concluir:** logo, de modo que, portanto, então, assim; por isso, em vista disso; além do mais, em síntese, em conclusão, enfim;
- **indicar continuação, progressão, nova informação:** e; não só... mas também; por outro lado, também, além disso;
- **acrescentar um esclarecimento, uma retificação:** isto é, quer dizer, ou seja, em outras palavras;
- **indicar condição:** se, caso, contanto que, desde que a menos que, a não ser que...

A CONCLUSÃO

Dizer o essencial é a regra básica quando se trata de concluir uma comunicação. Ainda que a conclusão seja o ponto de chegada, da mesma forma que a introdução é o ponto de partida, isso não significa que ela deva terminar, dar por encerrada a argumentação desenvolvida ao longo da comunicação. Boaventura (1988, p. 43) diz: "A conclusão não é o fim da história, nem simples resumo e nem tampouco idéia nova. Ela se refere ao conjunto já exposto, daí porque deve alargar a idéia geral do tema desenvolvido".

Ao concluir uma comunicação, de acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 257), pode-se fazer

"uma série coisas. Muitas vezes o foco é reafirmado incisivamente e os argumentos revisitos. Pode-se elaborar as implicações daquilo que se acabou de apresentar. Muitos relatórios de investigação terminam com uma proposta de investigação subsequente".

No entanto, os autores alertam para o fato de que, freqüentemente, se está lidando com um clichê, "um lugar-comum perigoso", ou seja, quando o autor opta por uma conclusão desse tipo "no lugar de

establish different types of relationships in the linking of ideas (since entire sentences or even paragraphs can sometimes perform this role):

- **opposing or contrasting ideas:** but, however, nevertheless, although, in spite of which, despite, notwithstanding, unless, except;
- **relating cause to consequence:** because, since, as, so, therefore, thus, consequently, hence, as a result, because of, as a consequence, by reason of, due to;
- **indicating finality, proposal, intention:** because, in order to, so as to, with the purpose of, with the objective of;
- **resuming, recapitulating, concluding:** so, so that, therefore, then, thus, that's why, in view of this, furthermore, in summary, in conclusion, finally, in short;
- **indicating continuation, progression, new information:** and, not only..., but also..., on the other hand, also, furthermore;
- **Adding clarification or correction:** that is to say, it means that, i.e., in other words;
- **Indicating condition:** if, in the case of, given that, since, unless, except that.

CONCLUSION

Saying what is essential is the basic rule in concluding a communication. Although the conclusion is the point of arrival, in much the same way that the introduction is the point of departure, this does not mean the discussion developed during its communication has to end. Boaventura (1988, p. 43) states: "The conclusion is not the end of the story, it is neither a simple summary nor a new idea. It refers to everything that has already been said, which is why it should expand the general ideal of the theme developed".

On concluding a communication, according to Bogdan and Biklen (1994, p. 257),

"a series of things [can be done]. Often the focus is reiterated incisively and the arguments re-examined. The implications of what has just been presented may be elaborated upon. Many investigation reports end with a proposal for subsequent investigation".

However, the authors warn that this is just a clichê, "a dangerous common-ground", when the author opts for a conclusion of this type "instead of a clear description of his or her

uma descrição inequívoca das suas conclusões e da importância do seu trabalho”.

Atentando-se para as recomendações de Bogdan e Biklen, as considerações finais, no caso de relatórios de pesquisa, devem compreender necessariamente uma síntese das idéias principais, podendo (ou não) ser seguidas por sugestões para novos estudos, que explorem ou aprofundem determinados aspectos referentes à mesma realidade ou a outras realidades (os quais não puderam ser tratados no trabalho em questão). Dessa maneira seria evitado o perigoso lugar comum.

A REDAÇÃO DO TEXTO

O estilo da comunicação de um trabalho científico é mais direto do que o estilo literário em geral. Laville e Dionne (1999) aconselham frases curtas; vocabulário preciso, especialmente para os conceitos-chaves; uso reduzido de adjetivos e advérbios; partes, sub-partes e respectivas ligações bem marcadas, evidenciadas por ocasião das introduções, conclusões e anúncios intermediários, “para bem sublinhar o encaminhamento do pensamento e o encadramento das idéias” (p. 241-2).

Além da observância desses aspectos, o pesquisador deve evitar vícios de linguagem, o uso de termos com significado subjetivo, frases demasiadamente longas e complexas, bem como o emprego de gíria (exceção feita à necessidade de exemplificar ou reproduzir o discurso de entrevistados).

Ainda que a redação científica exija exatidão e clareza, não exclui a arte de bem escrever; um estilo agradável, do ponto de vista estético ou literário, representa um acréscimo à qualidade da comunicação científica. No entanto, é necessário ter presente que diferentes estilos de pesquisa ou estudos requerem distintos estilos de redação: mais informativo e técnico (nos trabalhos das áreas de ciências exatas e naturais, especialmente nos de caráter quantitativo), ou mais narrativo e descritivo (em trabalhos das áreas de ciências humanas e sociais, notadamente nos que decorrem de abordagens qualitativas).

Apesar da “ênfase” que o estilo de pesquisa ou estudo confere ao estilo do relatório, suas partes podem adquirir a forma **narrativa** (se, por exemplo, for necessário contar fatos ocorridos durante a pesquisa), **descritiva** (para apontar ou dizer como são os aspectos de um fenômeno, objeto ou situação), **explicativa** (para esclarecimento dos “porquês”) ou **argumentativa** (a fim de expor e aclarar posições convergentes e divergentes e extrair daí conclusões).

conclusions and of the importance of his or her work”.

Bearing in mind the recommendations of Bogdan and Biklen, the final considerations, in the case of research reports, should include a summary of the main ideas. This may or may not be followed by suggestions for further studies which explore or develop specific aspects of the same reality or other realities (that could not be covered by the work in question). In this way, the dangerous common-ground can be avoided.

THE WRITING OF THE TEXT

The communication style of a scientific work is more direct than literary style in general. Laville and Dionne (1999) advise using short sentences; precise vocabulary, particularly for the key concepts; reduced use of adjectives and adverbs; clearly-indicated sections, sub-sections and respective links, shown through the introductions, conclusions and intermediate announcements, “in order to clearly underline the development of thought and the unfolding of ideas” (p. 241-2).

In addition to observing these aspects, the researcher should also avoid bad stylistic habits, the use of terms with subjective meaning, exhaustingly long, complex sentences, as well as the use of slang (except where it is necessary to reproduce the speech of interviewees).

Although scientific writing requires precision and clarity, this does not exclude the art of good writing; a pleasant style, from an aesthetic or literary point of view, represents an improvement in the quality of the scientific communication. However, it is necessary to bear in mind that different research or study styles require distinct writing styles: more informative or technical (works in the exact and natural sciences, especially those of a quantitative nature), or more narrative and descriptive (works in the human and social sciences, notably those which arise from qualitative approaches).

In spite of the “emphasis” that a research or study style confers on the style of the report, its sub-sections may acquire different forms: **narrative** (if, for example, it is necessary to relate facts that occurred during the research), **descriptive** (to point out or describe the aspects of a phenomenon, object or situation), **explanatory** (to clarify the “whys and wherefores”) or **argumentative** (to expound and clarify the converging and diverging positions and draw conclusions from them).

Laville e Dionne (1999) fazem um chamamento ao bom senso quando dizem que, embora existam regras que, por convenção, sejam aplicadas à comunicação de trabalhos científicos, "elas são flexíveis, dando ao pesquisador bastante espaço para realizar, com arte, imaginação e, não obstante, com rigor" tal tarefa.

Laville and Dionne (1999) appeal to the common sense when they say that although there exist rules which are conventionally applied to the communication of scientific works, "these are flexible, allowing the researcher plenty of scope to perform his or her task with artistic flair and imagination, while at the same time remaining precise".

NOTAS

¹ O curso contou também com a participação de Tanira Piacentini, professora de Língua Portuguesa.

² O autor usa a palavra tese no sentido contido no subtítulo de sua obra: "tese de mestrado, uma monografia ou qualquer outro trabalho universitário".

³ A expressão é usada por Boaventura (1988), ao intitular o capítulo 2 de *Como ordenar as idéias*.

NOTES

¹ Also participating in the course was Tanira Piacentini, Professor of the Portuguese Language.

² The author uses the word thesis in the sense contained in the sub-title of this work: "master's thesis, a monograph or any other university work".

³ This expression is used by Boaventura (1988), in chapter 2 entitled *Como ordenar as idéias*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUD, M. **Arte da tese** : como preparar e redigir uma tese de mestrado, uma monografia ou qualquer outro trabalho universitário. 2. ed. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1997.

BOAVENTURA, E. **Como ordenar as idéias**. São Paulo : Ática, 1988.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação** : uma introdução à teoria e aos métodos. Porto : Porto, 1994.

FLÓRES, L. L.; OLÍMPIO, L. M. N.; CANCELIER, N. L. **Redação** : o texto técnico/científico e o texto literário, dissertação, descrição, narração, resumo, relatório. Florianópolis : Ed. da UFSC, 1992.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar** : como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro : Record, 1997.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber** : manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre : Artmed; Belo Horizonte : Ed. UFMG, 1999.

MARQUES, M. O. **Escrever é preciso** : o princípio da pesquisa. Ijuí : Ed. UNIJUÍ, 1997.

REJOWSKI, M. **Turismo e pesquisa científica** : pensamento internacional x situação brasileira. São Paulo : Papyrus, 1996.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. rev. e ampl. São Paulo : Cortez, 2000.

TRIGO, L. G. G. A importância da educação para o turismo. In: LAGE, B. H. G.; MILONI, P. C. **Turismo** : teoria e prática. São Paulo : Atlas, 2000. p. 244-255.

WARDE, M. Diário de bordo de uma orientadora de teses. In: BIANCHETTI, L. (Org.). **Trama & texto** : leitura crítica, escrita criativa. São Paulo : Plexus; Passo Fundo : EDUEPP, 1997. p. 163-180.